



PARA ONDE VAI A PRODUÇÃO FAMILIAR? UM ESTUDO SOBRE O ABASTECIMENTO E COMERCIALIZAÇÃO NA FEIRA DA MANAUS MODERNA – MANAUS (AM)

Wallefy Emanuel Arce Matos

Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Brasil.

wallefy.emanuelarce@gmail.com

Fernando Monteiro Melo

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Brasil.

Fernando.melo@ufam.edu.br

Manuel de Jesus Masulo da Cruz

Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo, Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Brasil.

manuelmasulo@gmail.com

RESUMO – Este trabalho objetivou compreender o papel do abastecimento e da comercialização da produção familiar na Feira da Manaus Moderna, enfocando o papel dos produtores familiares. Apesar das contradições do capitalismo, que tanto marginalizava quanto se beneficiava da produção familiar, esses produtores conseguiram persistir ao longo do tempo. Portanto, propôs-se analisar as complexas relações de produção, comercialização e consumo que caracterizavam a produção familiar, destacando os desafios e oportunidades presentes no cenário econômico e social da época. Tomando como base o conceito de redes geográficas, o trabalho explorou a interação entre as dinâmicas de produção (pescados, hortaliças, frutas), transporte, feiras e o consumidor final para entender como estas atividades se integravam e qual o impacto delas no abastecimento alimentar das grandes cidades. A relevância destas dinâmicas enfatizou a significativa contribuição dos produtores familiares no abastecimento urbano, desafiando a visão de sua suposta improdutividade. Através de revisões bibliográficas e diálogos em espaços de consumo, especialmente na Feira da Manaus Moderna, buscou-se aprofundar o conhecimento sobre produção, comercialização e consumo no contexto da produção familiar, com uma atenção especial para as interações sociais e econômicas promovidas por essas espacialidades.

Palavras-chave: Redes geográficas; Feiras; Produção familiar; Manaus Moderna; Manaus.

WHERE DOES FAMILY PRODUCTION GO? A STUDY ON SUPPLY AND MARKETING AT THE MANAUS MODERNA FAIR – MANAUS (AM)

ABSTRACT – This study aimed to understand the role of supply and marketing of family production at the Manaus Moderna Fair, focusing on the role of family producers. Despite the contradictions of capitalism, which both marginalized and benefited from family production, these producers managed to persist over time. Therefore, it proposed to analyze the complex relationships of production, marketing, and consumption that characterized family production, highlighting the challenges and opportunities present in the economic and social scenario of the time. Based on the concept of geographical networks, the work explored the interaction between production dynamics (fish, vegetables, fruits), transportation, fairs, and the final consumer to understand how these activities integrated and what their impact was on food supply in large

EDIÇÃO ESPECIAL:

Dossiê Amazônia, mudanças e realidades contemporâneas



PÁGINA 169

cities. The relevance of these dynamics emphasized the significant contribution of family producers to urban supply, challenging the view of their supposed unproductiveness. Through bibliographic reviews and dialogues in consumption spaces, especially at the Manaus Moderna Fair, the study sought to deepen knowledge about production, marketing, and consumption in the context of family production, with special attention to the social and economic interactions promoted by these spatialities.

Keywords: Geographic networks; Markets; Family production; Modern Manaus; Manaus.

INTRODUÇÃO

No atual contexto de transformações tecnológicas e avanços na modernização dos processos produtivos, o produtor familiar emerge como uma figura central na manutenção de práticas econômicas e sociais, sobretudo a de abastecimento de alimentos das grandes cidades. Conforme descrito por Wanderley (2004), o produtor familiar é entendido em suas relações internas, construídas no âmbito familiar, engajando-se em pluriatividades para preservar sua renda e estrutura. Esse engajamento os denomina como sujeitos sociais ativos, moldadores da história tanto passada quanto presente. Este cenário de constantes transformações destaca a necessidade de adaptar-se aos novos processos de modernização impostos pelo capitalismo, visando a reprodução do modo de vida familiar em meio a uma economia globalizada.

Neste estudo, a escala entre as dinâmicas de produção (pescados, hortaliças, frutas), transporte, feiras e o consumidor final será explorada para compreender a integração e o impacto dessas atividades no abastecimento alimentar das grandes cidades. A importância dessas dinâmicas é reforçada por Wanderley (2004), que ressalta a contribuição significativa dos produtores familiares no abastecimento das cidades, desafiando a percepção de sua classe como ociosa. Por meio de levantamentos bibliográficos e diálogos nos espaços de consumo, especialmente na Feira da Manaus Moderna – Manaus/AM, este trabalho busca um entendimento profundo sobre a produção, comercialização e consumo no contexto familiar, com especial atenção às interações sociais e econômicas que esses espaços fomentam.

A relevância deste estudo é justificada pela análise de Pierri e Valente (2010), que evidenciam como a produção familiar enfrenta dificuldades desde a produção até o escoamento, muitas vezes sendo forçada a vender a preços inferiores aos intermediários, diminuindo assim seu potencial de lucro (renda) e sustentabilidade. Além disso, as feiras, como apontam os mesmos autores, representam não apenas pontos de comercialização, mas também espaços de resistência social e econômica, onde os produtores podem obter renda para sustentar suas necessidades fora do escopo de sua produção própria.

Utilizando o conceito de redes geográficas desenvolvido por Corrêa (2012) como fundamento teórico, este estudo detalha a escala entre os processos de produção (abrangendo pescados, hortaliças e frutas), transporte, feiras e a interação com o consumidor final, com o intuito de decifrar como esses componentes se entrelaçam para impactar o sistema de abastecimento alimentar nas grandes cidades. A investigação dessas dinâmicas ressalta não somente a crucial participação dos produtores familiares no fornecimento de alimentos às áreas urbanas, mas também questiona a percepção equivocada de sua falta de produtividade.

Aprofundando a discussão, o estudo propõe uma reflexão sobre a estrutura e a funcionalidade das redes geográficas, considerando a importância de uma cadeia de abastecimento eficiente que possibilite a circulação de produtos frescos e de qualidade das áreas rurais para o consumo urbano. Portanto, ao explorar as complexidades das redes geográficas na Feira da Manaus Moderna, o estudo visa contribuir para uma compreensão mais abrangente dos mecanismos que facilitam a interação entre campo e cidade, sugerindo caminhos para a otimização do abastecimento alimentar urbano.

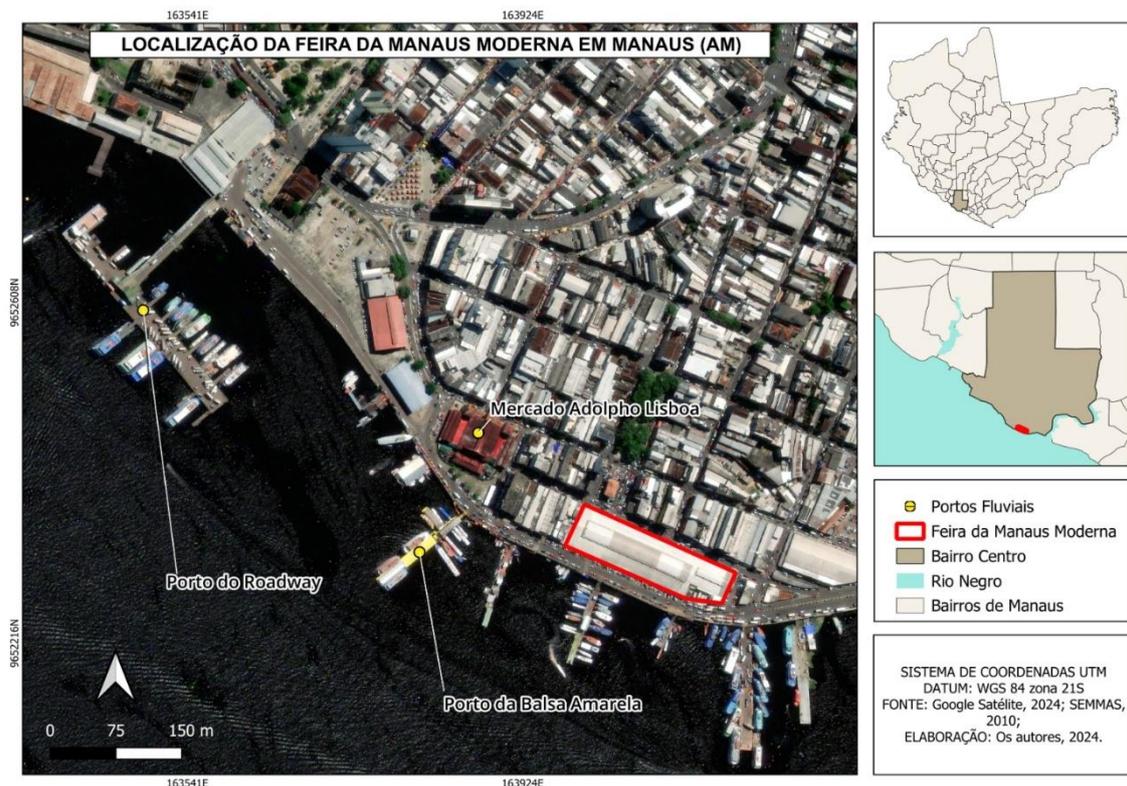


Este trabalho objetiva compreender o papel do abastecimento e da comercialização da produção familiar na Feira da Manaus Moderna, enfocando o papel dos produtores familiares. Dourado (2012) reforça esta perspectiva ao observar que, apesar das contradições do capitalismo, que ora marginaliza ora se beneficia da produção familiar, esses produtores conseguem persistir ao longo do tempo. Assim, busca-se analisar as complexas relações de produção, comercialização e consumo que definem a produção familiar, iluminando os desafios e as oportunidades que enfrentam no atual contexto econômico e social.

A FEIRA DA MANAUS MODERNA: HISTÓRICO E CONTEXTUALIZAÇÃO

As feiras são espaços presentes no imaginário social desde a Idade Média. No Brasil, elas representam heranças da colonização portuguesa, com o primeiro registro datando de 1657, no estado de São Paulo (CRUZ, 2019). A Feira da Manaus Moderna, também conhecida como Feira Cel. Jorge Teixeira, encontra-se localizada na área central da cidade, em frente ao porto de Manaus (Figura 1). Este porto é um dos principais pontos para o escoamento dos produtos regionais, como hortigranjeiros e peixes, além de ser um importante local de entrada e saída de passageiros oriundos dos mais variados destinos.

Figura 1. Mapa de localização da Feira da Manaus Moderna



Fonte: Google Satélite (2024); SEMMAS (2010). Elaboração: Os autores (2024).



Por outro lado, o histórico descrito por Silva (2016, p. 216) revela-se bastante interessante, uma vez que o nome do espaço variou de acordo com as circunstâncias históricas e sua utilização, servindo ao imaginário manauara como vitrine da conexão entre cidade e campo:

A área da “Manaus Moderna” vem se constituindo enquanto espaço importante de comércio para a cidade de Manaus desde o final do século XIX, e já comportou diversos elementos que foram lhe atribuindo uma variedade de denominações, como a “Cidade Flutuante” (entre os anos de 1920 e final dos anos de 1960), Feira da Beira da Praia do Mercado, Feira da Escadaria dos Remédios, Feira da Banana e, mais recentemente, área e Feira Manaus Moderna.

Considerando sua relação espacial e as respectivas modificações, a autora aborda a mudança estrutural que ocorreu no local: anteriormente construído em madeira, o espaço foi posteriormente substituído por instalações metálicas. A Feira Manaus Moderna, um ponto de referência local significativo, representa um marco importante no contexto urbano e comercial de Manaus. Erguida no início da década de 1990, sua inauguração oficial ocorreu em março de 1994. O projeto arquitetônico da feira, que privilegia estruturas metálicas, não apenas confere durabilidade e modernidade ao espaço, mas também otimiza sua capacidade de acomodação, abrigando, conforme registros da Prefeitura Municipal do Amazonas, 932 bancas e boxes, além de 923 permissionários. Essa estrutura imponente não somente reflete a magnitude física da feira, mas também sublinha sua vitalidade econômica e social para a região (Figura 2).

Figura 2. Feira da Manaus Moderna no centro da cidade manauara



Fonte: ImotionDigital (2021).

A importância da Feira Manaus Moderna transcende sua significativa contribuição para a paisagem urbana. Ela desempenha um papel crucial no abastecimento de gêneros alimentícios para a cidade, sendo uma peça chave na cadeia de fornecimento para grandes redes de supermercados e hipermercados, bem como para restaurantes locais. Esse papel é fundamental



para entender a dinâmica econômica de Manaus, evidenciando a feira não apenas como um espaço de comércio, mas como um elemento essencial para a segurança alimentar e a economia local.

Por meio dessa ótica, a Feira Manaus Moderna emerge não somente como um local de transações comerciais, mas como um pilar da identidade cultural e econômica da cidade, refletindo as transformações urbanas e as necessidades de uma população em crescimento. O seu desenvolvimento e a sustentação de seu papel central na distribuição de alimentos são indicativos de seu valor intrínseco para a cidade e seus habitantes, um aspecto que, conforme Silva (2016, p. 220) destaca, ressalta a intersecção entre urbanismo, economia e cultura na formação do tecido social de Manaus.

Com o declínio produtivo da borracha em meados de 1910, observou-se um adensamento populacional nos arredores de Manaus, incluindo seringueiros e seringueiros. Especificamente, formou-se, em frente à atual Manaus Moderna, uma cidade flutuante (LIMA, 2022). Pinto e Moraes (2011) destacam este período como sendo significativo para o comércio na área. No entanto, a continuidade desse movimento foi interrompida por iniciativas do governo local, que buscava implementar melhorias urbanas com a chegada do Polo Industrial de Manaus. É importante destacar o papel que o Mercado Adolpho Lisboa exerceu no abastecimento da capital amazonense antes da construção da Feira da Manaus Moderna, no início da década de 1990.

Desde a Idade Média, as feiras têm sido espaços não apenas para a venda de excedentes dos camponeses, mas também para a comercialização de produtos da produção familiar. Elas possibilitam o acesso de famílias com menor poder aquisitivo a alimentos a preços acessíveis e servem como espaços para equilibrar as forças em relação aos grandes comércios capitalizados, como supermercados e comércios varejistas (DOURADO, 2012). Nas feiras, ocorre um contato direto entre a cidade e o campo, estabelecendo uma relação que pode ser descrita como magnética.

Dessa forma, as feiras contribuem para o abastecimento e a segurança alimentar regional, uma vez que os produtos vendidos são de alta qualidade e provenientes da produção familiar. Isso proporciona maior segurança para o consumidor ao adquirir alimentos (ARAÚJO e RIBEIRO, 2018). Importante ressaltar que, em muitos casos, os alimentos produzidos pelo agronegócio, comuns nos grandes comércios, contêm numerosos pesticidas e fungicidas que, em sua maioria, são nocivos à vida humana.

Como mencionado, as feiras são destacadas como entidades que ilustram a interação campo-cidade, cuja fusão evidencia a beleza das relações dicotômicas, transcendendo seus conceitos básicos. Nesse contexto, a feira da Manaus Moderna ressalta-se por sua singularidade e por ocupar um espaço único no imaginário daqueles que a frequentam e nela trabalham. Isso ocorre porque

[...] feiras são organismos vivos: se transformam a todo o momento, acompanhando as contradições e os conflitos da sociedade. [...] representam diversidade: cada lugar tem a sua própria feira, com uma identidade particular. Feiras são democráticas: se encontram, convivem, competem e cooperam na feira sujeitos sociais de todas as classes (PIERRI; VALENTE, 2010 p. 11).

Na Feira da Manaus Moderna, o circuito de vendas é influenciado pela sazonalidade e pela disponibilidade dos produtos. Estes chegam tanto por estradas quanto por rios, sendo que a maior parte é transportada por balsas. Conforme Araújo e Ribeiro (2018, p. 565-566) destacam, "as especificidades regionais se manifestam e influem na comercialização, em estratégias de vendas e relações socioeconômicas". É relevante mencionar que, durante o período de enchentes/cheias, os produtos se tornam mais escassos devido à dificuldade de plantio, o que eleva seus preços. Em contraste, no período de vazante/seca, os produtos e os:

[...] preços nas feiras livres dependem de oferta, sazonalidade, intermediários, comércio urbano e qualidade; e esta última pode ser determinada objetiva ou



subjetivamente. Os preços se transformam em ganhos para feirantes, e feirantes produtores combinam ganhos de venda e produção. Mas, em certos casos, a influência desses ganhos vai além do sustento, e atinge as economias locais, fortalecendo circuitos de trocas econômicas (ARAÚJO e RIBEIRO, 2018, p. 572).

Outro aspecto relevante é a variação de preços conforme o horário, uma vez que a qualidade física de alguns produtos pode mudar ao longo do dia. É possível encontrar preços mais acessíveis no momento conhecido como "xepa", quando os feirantes buscam vender o restante de seus produtos para evitar perdas no lucro estimado (ARAÚJO e RIBEIRO, 2018).

Considerando a especificidade da rede de comercialização da Feira da Manaus Moderna, é interessante observar o fluxograma apresentado abaixo (Figura 3), para tentar compreender como se dá o processo de comercialização da produção familiar nesse espaço.

Figura 3. A especificidade da rede de comercialização da feira da Manaus Moderna



Elaboração: Os autores (2023).

No fluxograma apresentado acima, é possível observar dois quadros realçados em verde, e isso não é por acaso. De um lado, temos as mercadorias, fruto do trabalho diário dos produtores e suas famílias, que dependem de recursos naturais (como solos e sementes) para produzir e converter essas mercadorias em valor financeiro. Este valor é utilizado para adquirir bens que não são produzidos por eles, tais como alimentos industrializados, roupas, sapatos, entre outros. A Feira da Manaus Moderna cria um ponto de encontro entre atravessadores, feirantes, consumidores e, em alguns casos, os próprios produtores. A importância de ambos os elementos é destacada porque, sem as mercadorias, não há o que vender; e sem a feira, os contatos necessários não são estabelecidos, a rede não opera eficientemente, e os objetivos propostos não são atingidos. Assim, desde o início até o fim, existe uma conexão espontânea entre os elementos mencionados.

Os atravessadores desempenham um papel crucial na articulação entre produção e comercialização dentro do contexto apresentado, atuando como intermediários essenciais entre os produtores rurais e os mercados urbanos. Eles são responsáveis por facilitar o fluxo de mercadorias desde as áreas rurais até os pontos de venda, como a Feira da Manaus Moderna, onde os produtos são finalmente acessíveis aos consumidores urbanos. Esta função de intermediação é vital, pois muitos produtores familiares não possuem os recursos necessários, sejam eles logísticos ou de acesso a mercados, para comercializar diretamente seus produtos.



Nas relações de poder e subordinação, os produtores rurais muitas vezes se encontram em uma posição de dependência em relação aos atravessadores. Esta dependência é gerada não apenas pela necessidade de acessar mercados mais amplos, mas também pela complexidade das burocracias de mercado, que incluem desde a conformidade com normas sanitárias e de qualidade até a negociação em redes de distribuição altamente competitivas. Os atravessadores, portanto, não apenas conectam os produtores ao mercado, mas também detêm um poder significativo sobre os termos e condições dessa conexão.

Essa dinâmica estabelece uma relação de subordinação onde os camponeses estão frequentemente sujeitos às condições impostas pelos atravessadores, que podem incluir preços de compra, prazos de pagamento, e exigências específicas de produto que moldam o que e como os camponeses produzem. Essa situação muitas vezes limita a capacidade dos produtores de negociar melhores condições, tornando-os vulneráveis a práticas que podem diminuir seus ganhos financeiros e afetar a sustentabilidade de suas atividades agrícolas. Além disso, os atravessadores podem exercer uma influência considerável na definição de quais produtos são valorizados e quais são marginalizados no mercado, influenciando diretamente a cadeia de valor agrícola e as opções de cultivo dos camponeses.

O ciclo de produção inicia-se com o produtor e sua necessidade de obter renda para a manutenção da família. A feira desempenha um papel crucial nesse processo, facilitando a inserção dos produtores na esfera econômica, permitindo-lhes adquirir bens que eles próprios não produzem.

Isto é particularmente evidente para a agricultura familiar, pois a insuficiência frequente de capitalização coloca ênfase na realização das vendas para o pagamento dos fatores, dos bens e dos serviços consumidos pelo núcleo familiar e para a compra dos insumos necessários ao novo ciclo de produção (PIERRI e VALENTE, 2010 p. 8).

Os atravessadores, detentores de infraestrutura de comercialização, contatos e, em alguns casos, transporte, desempenham um papel central na cadeia de distribuição. Devido à falta de acesso a esses modais, o produtor acaba recebendo um valor inferior pelo seu produto em comparação ao preço de venda na feira (PIERRI e VALENTE, 2010). Em geral, quem vende aos atravessadores o faz por preços significativamente abaixo do mercado, em condições que podem ser consideradas exploratórias.

É importante destacar que o meio de transporte mais utilizado é o hidroviário, por meio de embarcações, que transportam produtos de municípios sem acesso a estradas. Embora em menor escala, o transporte rodoviário também contribui para o escoamento de produtos provenientes de comunidades situadas em terra firme. Apesar dessas variações no transporte, a Feira da Manaus Moderna serve como um crucial ponto de encontro para a venda desses produtos, estabelecendo-se como um dos mais importantes centros de distribuição alimentar de Manaus (PINTO e MORAES, 2011).

Côrrea (1989, p. 58) explica que:

O processo de comercialização da produção rural é muito complexo. Sua razão de ser deriva, em última instância, do fato de que tanto no começo como no final do processo verifica-se uma dispersão tanto dos produtores rurais como dos consumidores urbanos. Há assim a necessidade de se realizar, próximo à zona rural, a concentração da produção, depois sua transferência para a grande cidade, onde então será de novo dispersa entre os consumidores finais. Essa dispersão-concentração-dispersão vai traduzir-se em diversas formas. Em todas elas a cidade impõe ao campo um preço inferior aos praticados no meio urbano. A rede urbana, por onde circula a produção rural, constitui-se assim em uma cadeia de drenagem sobre o campo.



O valor oferecido pelos atravessadores aos produtores está igualmente vinculado ao custo do transporte, considerando que, na maior parte dos casos, o atravessador não possui os meios de locomoção, especialmente os barcos. Consequentemente, o produtor fica dependente do atravessador, o que impacta diretamente nos preços recebidos pelas mercadorias.

Na região Norte, a predominância de intermediários nos canais de comércio é marcante, representando 79,64% do total, uma característica bastante singular dessa região. Essa concentração elevada de intermediários traduz-se em uma redução da autonomia dos produtores no que tange aos processos de venda (GAZOLLA, 2017). Uma série de fatores contribui para essa dinâmica, entre os quais as dificuldades logísticas merecem destaque. Em particular, o transporte e a distribuição dos produtos apresentam desafios significativos, que não apenas complicam a logística na região, mas também contribuem substancialmente para a dependência dos produtores em relação aos intermediários.

Esses desafios logísticos são cruciais para entender por que uma parcela tão grande do comércio na região Norte está nas mãos desses agentes, limitando as opções disponíveis para os produtores locais e influenciando diretamente a forma como os produtos são levados ao mercado. A situação ilustra não apenas um aspecto econômico, mas também reflete as complexidades geográficas e infraestruturais que caracterizam a região, impactando diretamente na eficiência e na equidade do sistema de comércio (GAZOLLA, 2017).

PENSANDO AS FEIRAS A PARTIR DAS REDES GEOGRÁFICAS

É possível observar que as feiras resistiram à pressão imposta pela modernidade, tendo sua existência ameaçada. No Brasil, sua expressão cultural foi influenciada pela herança ibérica e africana, resultando em uma peculiaridade singular do ato de "fazer a feira" no país. Para favorecer os grandes mercados, as feiras foram estigmatizadas pelas mídias como espaços sujos. Historicamente, ocorreram movimentos governamentais visando o fim das feiras, para dar espaço aos grandes comércios capitalizados (MASCARENHAS e DOLZANI, 2008).

A modernidade, construída por sujeitos sociais, reflete as necessidades de minimizar esforços em determinadas ações, introduzindo novas tecnologias, técnicas ou estruturas superiores às anteriores (GIDDENS, 1991). Nesse contexto, as feiras são vistas como espaços obsoletos pela modernidade, mas resistem pela necessidade daqueles que as utilizam. Em contraste com as feiras, estão os grandes varejistas e o agronegócio, produtos da modernidade.

Assim, o "moderno" assumiu sua forma pela imposição do capital, com o apoio dos governos e de outros agentes responsáveis por sua organização no meio social. É evidente que, como espaços econômicos, as feiras foram modificadas, mas, afinal, o que não muda? O capitalismo, então, encurtou o espaço-tempo, facilitando conexões e contatos no menor tempo possível e reduzindo distâncias. Nas feiras, não foi diferente: os transportes, as formas de pagamento e as constantes novas tecnologias diminuem o tempo e o espaço das relações existentes (FARIA, 1999).

Sobre esta temática, Faria (1999, p. 263) menciona que "o capitalismo veio a ser a formação econômica que mais desenvolveu a relação mercantil", que se interliga com a instituição social da troca. Com isso, é distinguível que o capital se apropriou do trabalho, da terra e do dinheiro. Os poderes políticos, por sua vez, sempre exerceram o papel de reguladores dos valores das moedas.

Faria (1999) prossegue, afirmando que o mercado de trocas expandiu o espaço econômico e a velocidade dessas trocas, e, ocasionalmente, o acúmulo de riquezas exigia a expansão territorial. Assim, a natureza, empregada como recurso de desenvolvimento, teve seu tempo e forma alterados. Portanto, as tecnologias de transporte e comunicação se expandiram, refletindo que a modernidade é constante e se molda de acordo com as necessidades humanas.



Por isso, percebe-se que as feiras não estão imunes à regulação pelas lógicas do capital, mas organizam-se de maneira distinta das formas acumulativas predatórias. Como menciona Sato (2007), os feirantes promovem a autorregulação baseada nas condições sociais, culturais e econômicas do ambiente onde a feira se localiza. Embora seja um ambiente exploratório, comum no capitalismo, é também acolhedor para os menos favorecidos, como os trabalhadores informais, produtores e feirantes.

Para Sato (2007), a evolução dos contatos e as conexões com outras formas espaciais tecem as relações em rede.

A feira livre deve ser compreendida, então, como um contínuo organizar, baseada em acordos e negociações, em cooperação e competição e na execução de regras tácitas. Isso garante a agilidade, a extrema adaptabilidade e a criatividade de formas de se fazer a feira livre. Por ser tecida por essa diversidade de vínculos, a rede de relações pessoais encontra outros espaços para formar os seus “nós”: a casa, o bairro e os diversos centros atacadistas (SATO, 2007, p. 99).

As redes criam novos espaços, refletindo a capacidade de interação e produção que evidencia a necessidade de conectar diferentes esferas de maneira ampla. Nesse contexto, as feiras, funcionando como circuitos em rede, favorecem o capitalismo ao reduzir o tempo de circulação e os custos associados (LENCIONI, 2010). Elas são comparáveis a outros sistemas inseridos no capitalismo, porém, sua estrutura e forma são definidas por diferentes agentes sociais: o feirante, o cliente, o intermediário e o produtor.

De acordo com Lencioni (2010), as feiras representam redes de proximidade absoluta, integrando-se aos mecanismos capitalistas e contribuindo para acelerar a reprodução do capital, aumentando seu fluxo. Estas redes estão intrinsecamente ligadas às forças produtivas, equiparando-se às máquinas industriais, e são organizadas para agilizar e maximizar os lucros mercantis.

Sendo assim,

[...] as redes geográficas são redes sociais espacializadas. São sociais em virtude de serem construções humanas, elaboradas no âmbito de relações sociais de toda ordem, envolvendo poder e cooperação, além daquelas de outras esferas da vida (CORRÊA, 2012, p. 200).

Assim, a principal condição para a existência de uma rede é a atividade humana, pois a transformação da estrutura, do processo, da função e da forma depende da ação humana e de seus contatos (CORRÊA, 2000). Com base nos dados fornecidos por Corrêa (2012), elaboram-se três tópicos essenciais para entender as dimensões da análise da feira como uma rede geográfica: a dimensão organizacional, a dimensão temporal e a dimensão espacial. Esses pontos são destacados como fundamentais para a produção do espaço da feira (Tabela 1).

Tabela 1. Dimensões de análise em rede (feira)

Dimensão organizacional		Dimensão temporal		Dimensão espacial	
AGENTES SOCIAIS	Estado, empresas, instituições e grupos sociais	DURAÇÃO	Longa	ESCALA	Regional
ORIGEM	Planejada	VELOCIDADE DO FLUXO	Lenta	FORMA ESPACIAL	Circuito
NATUREZA DOS FLUXOS	Mercadorias, pessoas, informações	FREQUÊNCIA	Permanente	CONEXÕES	Interna e externas
FUNÇÃO	Realização				

EDIÇÃO ESPECIAL:

Dossiê Amazônia, mudanças e realidades contemporâneas



PÁGINA 177

FINALIDADE	Acumulação				
EXISTÊNCIA	Real				
CONSTRUÇÃO	Material				
FORMALIZAÇÃO	Formal e informal				
ORGANICIDADE	Complementaridade				

Fonte: Corrêa (2012). Org.: Autores (2023).

A estrutura das feiras em rede está inserida na dinâmica de circulação do capital. O Estado, juntamente com outros agentes sociais, molda e constrói formas que se alinham aos interesses de seus usuários. No entanto, é importante destacar a análise de Santos (1979) sobre os dois circuitos da economia: o inferior e o superior. As feiras se enquadram no circuito inferior, caracterizado por mão de obra de baixa qualificação profissional, uso limitado de recursos tecnológicos, estrutura arcaica, atendimento às classes sociais menos favorecidas e marcado pela informalidade. Em contraste, o circuito superior foca na produção capitalizada em larga escala.

Para alcançar os resultados esperados, foram realizadas visitas ao entorno da Feira da Manaus Moderna, a fim de compreender o processo de comercialização e a espacialização dos atores envolvidos. Embora a importância dos solos na produção de alimentos seja reconhecida, neste estudo, os contatos em rede são as experiências chave que moldam e dirigem a comercialização dos produtos. Na sequência, será analisada a relação de cada um dos atores com a formação de preços.

OS SUJEITOS DO PROCESSO: O PRODUTOR FAMILIAR, O ATRAVESSADOR, O FEIRANTE E O CONSUMIDOR

No censo agropecuário de 2017, sem especificar regiões, observou-se que a produção familiar congrega cerca de 10 milhões de pessoas, evidenciando a importância dessa modalidade na distribuição de renda para essa camada social. O mesmo censo revela a significativa contribuição do segmento à alimentação brasileira, destacando que, nas culturas permanentes, esse segmento responde por 48% do valor da produção de café e banana; nas culturas temporárias, por 80% da mandioca, 69% do abacaxi e 42% do feijão (MAP, 2019, s.p.).

Contrastando com o mencionado, o produtor familiar que contribui diretamente para o abastecimento em Manaus é amplamente marginalizado por estar à margem dos padrões urbanos. Apesar do não reconhecimento do valor do produtor, sua produção é essencial para o abastecimento nas cidades que o marginalizam.

Os produtores entrevistados apontam como principal dificuldade a logística de transporte, afetada tanto pelos rios quanto pela falta de boas estradas que facilitem o acesso às feiras. A maneira como os produtos são transportados e a distância representam um grande desafio para a produção alimentar, já que, muitas vezes, os preços oferecidos pelos intermediários são insatisfatórios e desestimulam os produtores, reduzindo a oferta de produtos nas feiras.

A diversificação dos cultivos, em certos casos, depende do valor pago ao produtor pelo intermediário. Durante períodos de alta demanda por produtos específicos, preços atrativos pagos pelo intermediário incentivam o aumento da produção das culturas em destaque. Exemplifica-se com a couve na várzea, cuja produção e demanda aumentaram significativamente, e o pagamento por maço (contendo 6 unidades) era considerado compensatório, apesar de modesto. Os produtores recebiam R\$0,50 por maço em períodos de alta demanda e de R\$0,10 a R\$0,20 em momentos de baixa.

De acordo com os produtores, diversos produtos são cultivados nos arredores de Manaus (couve, cebolinha, pimentão, limão, milho, etc.). Alguns utilizam embarcações menores (rabetas



e lanchas) para transportar sua produção até o local de venda, inclusive para comercializar com regiões vizinhas. O acesso ao transporte é a maior dificuldade enfrentada. Para aqueles que dependem das estradas, há os problemas adicionais de manutenção do veículo e da má qualidade das vias.

Geralmente, não há negociação para melhorar ou resolver questões de precificação. Nota-se que os produtores estão relativamente satisfeitos com os preços oferecidos pelos intermediários, cientes das dificuldades de comercializar seus produtos nas feiras. Para alguns, essa situação representa um obstáculo à produção em larga escala. Um produtor questionou: “Eu planto banana aqui, fico sabendo que na cidade o preço é 50 e aqui se vende a 10 reais o cacho, por que eu tenho que produzir tanto?”. Outro comentou sobre o preço da goiaba: “Uma lata de goiaba, estou vendendo a 7 reais, em Manaus o pessoal compra por Kg, não dá pra competir”.

Apesar dessa insatisfação, mesmo que rotineira, não há diminuição no acesso a alimentos na Feira da Manaus Moderna. Os produtores continuam a plantar, pois a comercialização de seus produtos é uma das principais formas de acesso ao dinheiro, mas não a única. Surge, então, a reflexão: se houvesse investimentos pontuais para o desenvolvimento da produção familiar amazonense, o abastecimento seria adequado, ou um excesso de abastecimento seria prejudicial ao mercado?

Os produtores são os menos valorizados no processo de formação de preços, apesar de serem eles que fornecem o trabalho e possuem a terra. Em alguns casos, quando o intermediário é proprietário de um box na feira, há oferta de preços melhores, o que aumenta seus lucros, mas a diferença é notavelmente insignificante.

O atravessador desempenha um dos papéis mais importantes na precificação dos produtos. Apesar de todos os produtores terem conhecimento dos preços praticados nas feiras, é o atravessador, também conhecido como intermediário, bagulheiro ou marreteiro, quem estabelece o valor inicial dos produtos comercializados. Mesmo tendo acesso aos mesmos meios de transporte e a possibilidade de venderem seus produtos diretamente na feira, para os produtores, muitas vezes não é vantajoso realizar essa tarefa, evidenciando a relevância dos atravessadores.

Oliveira e Mayorga (2005, p. 2) definem o atravessador como:

Os atravessadores são agentes de comercialização que atuam nas cadeias produtivas como intermediários, nas comercializações dos produtos independente da origem, entre os produtores e os consumidores. Os atravessadores aproveitam-se da desorganização e desestruturação dos produtores rurais, principalmente dos pequenos produtores que praticam a comercialização de forma individual, para adquirir seus produtos a um preço extremamente baixo, sob pena da perda pela deterioração dos mesmos, e revendê-los ao atacado ou varejo a preços determinados pelo próprio atravessador, pelo fato da concentração dos produtos, aumentando dessa forma seu poder de negociação com os clientes.

O produtor cede toda sua produção devido à falta de meios de transporte acessíveis e eficientes para escoar sua produção. É crucial ressaltar que, especialmente no caso amazonense, as distâncias fluviais e o difícil acesso por estradas representam uma grande barreira logística e econômica para o transporte de produtos alimentícios. No âmbito político, observa-se frequentemente um apoio voltado aos grandes empresários urbanos e aos empresários de transporte de grandes itens, como gás, veículos e peças automotivas, que atendem aos municípios próximos a Manaus; os produtores, por outro lado, não desfrutam do mesmo privilégio.

Dessa forma, o atravessador não necessariamente é um grande capitalista ou um grande transportador, mas sim alguém ligado às demandas do campo, que pode ou não possuir meios de transporte próprios, porém sobrevive dessa operação. Nos rios, recorrem aos meios convencionais, como os barcos de recreio, quando não dispõem de transporte. Nas estradas, é



mais comum encontrar atravessadores proprietários de seus próprios veículos, embora enfrentem outras dificuldades.

A atividade do atravessador varia de acordo com a localidade. Muitos também são produtores e vendem seus produtos na feira; há atravessadores que são feirantes. Em alguns casos, o atravessador vem da cidade para comprar a produção dos produtores. Considerando a vasta entrada e saída na Feira da Manaus Moderna, que acomoda produtos de diferentes municípios, é evidente a existência de notáveis diferenças no modo de atuação dos atravessadores e na comercialização.

Os preços estabelecidos pelos atravessadores dependem da demanda por produtos nas feiras, mas também incluem a estimativa de lucro sobre os custos de transporte e o esforço para comercializar o produto. Assim, as feiras e os consumidores desempenham um papel crucial na definição dos preços, sendo as feiras o local onde se exerce maior pressão sobre a formação de preços, enquanto os demais participantes da rede acompanham esse processo.

Na Feira da Manaus Moderna, os atravessadores fornecem uma vasta gama de produtos, incluindo hortaliças (como couve, pimentão, pepino, maxixe), peixes (Pacu, Curimatã, Jaraqui, Tambaqui, Bodó) e aves (galinha, patos). A quantidade de produtos provenientes das várzeas, em determinados períodos do ano, influencia os preços, aumentando a oferta e reduzindo os custos. O clima pode impactar negativamente a produção, levando o produtor a perder toda a sua colheita, o que, por sua vez, afeta o aumento dos preços na feira.

Quando o atravessador não consegue vender toda sua mercadoria, opta por oferecer os produtos a preços mais baixos para minimizar as perdas. Como Palmeira (2014, p. 14) observa: "para o pequeno intermediário, que imobilizou um pequeno capital, é preferível vender a qualquer preço e recuperar parte do investimento a ficar com produtos que não tem como armazenar".

O feirante, responsável pela venda dos produtos trazidos pelo atravessador, detém uma parcela significativa na geração de capital. Contudo, é o feirante quem mantém o contato direto com os consumidores e proprietários de comércios, além de possuir o meio de produção: o box. Embora a cadeia produtiva inicie-se com o produtor, é por meio do feirante que os alimentos são introduzidos ao consumidor final, graças à sua habilidade de venda. Interessantemente, os feirantes também comercializam seus produtos com supermercados, tanto grandes quanto pequenos.

Os feirantes da feira mencionada relatam manter contato com diversos atravessadores, mas também ficam atentos às novas safras que chegam ao porto, tanto por vias terrestres quanto fluviais. Esta dinâmica contribui para a movimentação da feira, promovendo competitividade e variabilidade no mercado. Existem ofertas específicas em diferentes boxes, com alguns focando exclusivamente em hortaliças, outros em tucumã, peixes, açaí, e assim por diante.

Os entrevistados afirmam que a maior parte dos produtos vendidos na feira provém de áreas de terra firme, como Iranduba, Itacoatiara e Presidente Figueiredo, sugerindo que a construção da ponte facilitou o abastecimento alimentar em Manaus. Entretanto, um dos entrevistados menciona que ainda há produtos provenientes da várzea, embora em menor escala em comparação aos que chegam por estrada. Vale ressaltar que uma parte significativa dos produtos transportados por estrada é originária da várzea, principalmente os que vêm dos municípios de Manacapuru e Iranduba.

Os preços na feira variam conforme o horário, embora certos segmentos, como o de peixes — que podem ser conservados em freezers —, tendem a manter seus preços mais estáveis, exceto em períodos de alta demanda (Figura 4).

A formação dos preços de mercadorias nas feiras apresenta uma diversidade que varia significativamente entre os diferentes setores. Enquanto em alguns segmentos os preços são



estabelecidos de forma tabelada, impedindo grandes oscilações, em outros, como nos de produtos manufaturados, existe um limiar que impede que os preços caiam abaixo de um certo patamar. Neste cenário, o valor de venda se mantém constante do início ao fim do evento comercial, garantindo uma estabilidade precoce.

Figura 4. Comercialização de peixes na Feira da Manaus Moderna



Foto: Os autores (2024).

No entanto, a situação se altera consideravelmente quando observamos o comércio de frutas, legumes e verduras. Nestes casos, a flexibilidade nos preços é notável, tanto na comparação entre diferentes bancas quanto na variação de preços que pode ocorrer na mesma banca ao longo da feira. A estratégia de "baixar o preço para vender tudo" é frequentemente empregada, evidenciando uma dinâmica de mercado que prioriza a liquidação total dos produtos em detrimento da manutenção de um preço fixo. Conforme relata Palmeira (2014, p. 14), é raro que



comerciantes precisem retornar com produtos não vendidos, o que sugere uma eficácia nessa abordagem flexível de precificação.

Esta diferença na estratégia de precificação entre setores reflete as distintas lógicas que regem a venda de produtos manufaturados em comparação aos perecíveis. Enquanto os primeiros podem se beneficiar de uma uniformidade de preços que reflete custos de produção, marca e valor agregado, os segundos estão sujeitos às condições de oferta e demanda mais imediatas, bem como à necessidade de evitar perdas por deterioração, o que justifica uma política de preços mais dinâmica e adaptativa às condições do mercado durante a feira.

A feira, enquanto mercado, surge em resposta à demanda por produtos alimentícios, constituída pela interação de diversos atores e palco de inúmeras histórias e lutas. Neste contexto, o consumidor, embora fundamental, não é considerado o elemento mais importante, pois é a contribuição coletiva que possibilita o fornecimento dos alimentos até ele. No entanto, é indiscutível que a existência da feira se deve à demanda, sendo os consumidores os provedores dos recursos que possibilitam sua realização.

Diversos fatores, como variação de preços, oferta de produtos frescos e preços acessíveis, entre outros, fazem com que a feira atraia um público em busca de um ambiente acolhedor. Este espaço distingue-se dos ambientes gourmet por ser acessível a todas as camadas sociais, não visando especificamente atender às necessidades da burguesia, embora esteja de portas abertas a todos os interessados.

Num estudo realizado na Feira do Produtor de Passo Fundo, RS, entre 471 consumidores, distribuídos entre 254 homens e 217 mulheres, constatou-se que a idade média dos entrevistados é de 52 anos. Quanto à faixa de renda, esta varia de R\$ 500,00 a R\$ 5.000,00, sendo que cerca de 60% dos participantes reportaram uma renda mensal situada entre R\$ 500,00 e R\$ 2.000,00 (ROCHA *et al.*, 2010). Esse perfil demográfico e econômico dos consumidores revela importantes aspectos sobre o público frequentador das feiras, indicando uma predominância de sujeitos de meia-idade com rendas que se enquadram, em sua maioria, nas faixas de baixa a média. Esta distribuição de renda sugere que as feiras atraem uma diversidade de consumidores, particularmente aqueles que buscam produtos de qualidade a preços mais acessíveis, refletindo tanto as necessidades econômicas quanto as preferências de consumo desse segmento da população.

A análise desses dados permite uma compreensão mais aprofundada do papel das feiras no cotidiano das comunidades locais, atuando como pontos de acesso a alimentos frescos e saudáveis para um amplo espectro de consumidores, muitos dos quais podem ser mais sensíveis a variações de preço devido às suas limitações de renda.

Ao investigar a Feira da Manaus Moderna, observa-se que o perfil dos consumidores não apresenta grandes variações. A vasta maioria dos entrevistados enquadra-se na faixa etária de 40 a 60 anos, destacando uma preferência uniforme pelo ambiente de feira. Esses consumidores apontam a qualidade superior dos produtos, os preços competitivos e o atendimento mais pessoal oferecido pelos feirantes como razões primordiais para suas visitas. Além disso, muitos enfatizam a disponibilidade de produtos regionais exclusivos e a ampla variedade de peixes como fatores decisivos em sua escolha pela feira (Figura 5). Existe ainda uma percepção comum de que o horário da compra influencia diretamente na qualidade dos alimentos, sendo as primeiras horas do dia associadas a produtos de melhor qualidade, enquanto produtos adquiridos mais tarde seriam de qualidade inferior.



Figura 5. Produtos em comercialização na Feira da Manaus Moderna



Foto: Os autores (2024).

Dentro deste contexto dinâmico, consumidores e feirantes emergem como os protagonistas, cuja interação molda a atmosfera do local. Esta relação de mutualidade não apenas enriquece a experiência de compra, mas também incute um valor adicional à vivência na feira. Esse dinamismo, juntamente com as particularidades de cada indivíduo, posiciona a feira como um ponto de conexão vital entre o campo e a cidade. A decisão de comprar na Feira da Manaus Moderna transcende a aquisição de produtos; engloba também a apreciação da paisagem do Rio Negro e a estética dos barcos atracados no porto, elementos que conjuntamente criam uma experiência de compra única e enraizada em aspectos culturais e regionais. Assim, a feira não só serve como um mercado para transações comerciais, mas também como um espaço de significado cultural e social, refletindo a identidade e o patrimônio local.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A continuidade dos estudos sobre feiras é crucial, especialmente considerando o papel fundamental que desempenham na estruturação social da produção familiar e como principais canais de escoamento dessa produção. Apesar de sua importância, as feiras, em muitos casos, não oferecem espaços acessíveis aos produtores e, de maneira indireta, acabam por explorá-los. Portanto, novas pesquisas devem buscar não apenas entender esses espaços, mas também propor melhorias efetivas no circuito, visando garantir uma maior equidade e justiça para os produtores.

Este estudo buscou detalhar o processo de comercialização e abastecimento na Feira da Manaus Moderna, destacando a interação entre os rios e as estradas. A análise foi embasada no conceito de redes, uma categoria analítica geográfica de grande relevância, que reforça a importância de futuras investigações nesse segmento para aprimorar o entendimento e as práticas existentes.

Para promover o desenvolvimento e a melhoria do processo de comercialização, bem como para reduzir a vulnerabilidade econômica dos produtores, é essencial o apoio governamental. Melhorias no acesso rodoviário, na infraestrutura aquaviária (incluindo portos e sistemas de balizamento) e a garantia de autonomia de transporte são medidas indispensáveis. Dada a importância crítica no abastecimento alimentar, urge repensar o tratamento dispensado aos produtores familiares, buscando formas de valorizar e apoiar esses indivíduos essenciais para a segurança alimentar e a sustentabilidade socioeconômica das comunidades locais.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. P. N. C. Fazendo a feira: Estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG. Dissertação de Mestrado, Montes Claros – MG, 2009, p. 135.
- ARAUJO, A. M.; RIBEIRO, E. M. Feiras, feirantes e abastecimento: uma revisão da bibliografia brasileira sobre comercialização nas feiras livres. *Estudos Sociedade e Agricultura*, v. 26, n. 3, p. 561-583, 2018.
- BICALHO, A. M. S. M. Transformações do sistema de produção agrícola na região de Manaus. In: X Encontro dos Geógrafos da América Latina, 2005, São Paulo. Anais [...] São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005. p. 1-24.
- COSTA, M.R.; SANTOS, D. M. Feiras livres: dinâmicas espaciais e relações de consumo. *Geosaberes*, v. 6, número especial (3), p. 653 - 665, 2016.
- CORREA, R. L. Redes Geográficas: reflexão sobre um tema persistente. *Revista Cidades*. v. 9 n. 16, p. 199-218, 2012.
- CORREA, R. L. Região e organização espacial. 7º ed. Editora Ática, 2000, p. 51.
- CORREA, R. L. A rede Urbana. Editora Ática. Rio de Janeiro, 1989, p. 97.
- CRUZ, M. S. Do campo para a cidade: estudo sobre feiras livres, abastecimento urbano e comercialização da agricultura familiar no Alto Jequitinhonha. Dissertação (Mestrado) - Área de concentração em Sociedade, Ambiente e Território, Universidade Federal de Minas Gerais / Instituto de Ciências Agrárias. Montes Claros, 2019. 146 p.
- DOURADO, J. A. L. Feiras livres e reprodução camponesa: Interfaces da relação campo cidade. In: XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária, 2012, Uberlândia/MG. Anais [...]. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, Campus Santa Mônica, 2012. p. 1-11.
- FARIA, L. A. E. Capitalismo, espaço e tempo. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, v.20, n.1, p. 261-283, 1999.

EDIÇÃO ESPECIAL:

Dossiê Amazônia, mudanças e realidades contemporâneas



PÁGINA 184

GAZZOLA, M.; SCHNEIDER, S. Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017, p. 517.

GAZZOLA, M. Cadeias curtas agroalimentares na agroindústria familiar: dinâmicas e atores sociais envolvidos. In: GAZZOLA, M. SCHNEIDER, S. Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017, p. 175-194.

GIDDENS, A. As consequências da modernidade. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GHIZELINI, A. A. M.; ARAGUÃO, L. Campesinato e Agricultura Familiar: divergências e convergências para o reconhecimento e fortalecimento da agricultura de base familiar. Sinais v.23, n. 1, p. 1-22, Jan-Jun 2019.

LENCIONI, S. Redes, coesão e fragmentação do território metropolitano. Scripta Nova Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Vol. XIV, núm. 331 (69), p.741-798, ago. 2010. Vol. XIV, núm. 331 (69), 1 de agosto de 2010, html.

LIMA, I. Relembra a história das numerosas moradias na “Cidade Flutuante” em Manaus. Portal Amazônia. Disponível em: <https://portalamazonia.com/estados/amazonas/relembra-a-historia-das-numerosas-moradias-na-cidade-flutuante-em-manaus>. Acesso em: 13/05/2023.

MASCARENHAS, G; DOLZANI, M. C. S. Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. Ateliê Geográfico, v. 2, n. 2, p.72-87, ago. 2008.

MAP (Ministério da Agricultura e Pecuária). Agricultura familiar. gov.br, 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/mda/agricultura-familiar-1>. Acesso: 04/06/2023.

OLIVEIRA, A. D. S.; MAYORGA, M. I. O. Os impactos da participação do atravessador na economia do setor agrícola: um estudo de caso. In: XLII CONGRESSO DA SOBER. 2005, Ribeirão Preto-SP. Anais [...]. Ribeirão Preto-SP: SBESR, 2005. p. 1-13.

PALMEIRA, M. Feira e Mudança Econômica. Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology, v. 11, n. 1. Janeiro a Junho 2014. Brasília, ABA. Disponível em: <<http://www.vibrant.org.br/issues/v11n1/moacir-palmeira-feira-e-mudanca-economica/>>.

PIERRI, M. C. Q. VALENTE, A. L. E. F. A feira livre como canal de comercialização de produtos da agricultura familiar. In: 48° SOBER, 2010, Campo Grande. Anais [...] Campo Grande: SOBER, 2010. p. 1-20.

PINTO, M. A. T.; MORAES, A. O. Espaço e economia: crise e perspectivas no abastecimento em Manaus, Amazonas, Brasil. Revista Geográfica de América Central, vol. 2, p. 1-14, jul-dez, 2011.

PESSOA, E. L. C. Proposta de desenvolvimento portuário para Manaus. In: VI SINGEP, 2017, São Paulo. Anais [...] São Paulo: Uninove, 2017. p. 1-15.

RENTING, H; Terry MARSDEN, T.; BANKS, J. Compreendendo as redes alimentares alternativas: o papel de cadeias curtas de abastecimento de alimentos no desenvolvimento rural. In: GAZZOLA, M. SCHNEIDER, S. Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. p. 27-52.

ROCHA, H. C. COSTA, C. CASTOLDI, F. L. CECCHETTI, D. CALVETE, E. O. LODI, B. S. Perfil socioeconômico dos feirantes e consumidores da Feira do Produtor de Passo Fundo, RS. Ciência Rural, Santa Maria, v.40, n.12, p.2593-2597, dez, 2010.

SALATI, P. Bolsonaro liberou 2.182 agrotóxicos em 4 anos, recorde para um governo desde 2003. 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2023/02/04/bolsonaro-liberou2182-agrotoxicos-em-4-anos-recorde-para-um-governo-desde-2003.ghtml>>. Acesso em: 12/02/2023.

SANTOS. O Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro, 1979, p. 431.

SATO, L. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. Psicologia & Sociedade, v. 19, Edição Especial 1, p. 95-102. 2007.

EDIÇÃO ESPECIAL:

Dossiê Amazônia, mudanças e realidades contemporâneas



PÁGINA 185

SILVA, P. R. Propondo o alisamento do espaço: disputas em torno da “Manaus moderna”. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 8, n. 17, p. 215 - 254. jan./abr. 2016.

SILVEIRA, V. C.; OLIVEIRA E. S.; SILVEIRA N. F.; MARIANI M. A. P. Avaliação da importância das feiras livres e a forma de comercialização adotada pelos feirantes na Cidade de Nova Andradina – MS. In: I Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação, 2017, Naviraí-MS. Anais [...]. Naviraí-MS: UFMS, 2017. p. 1-12.

SCHNEIDER, S. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 18, n. 51.

SOUZA, J. L.; REZENDE, P. Manual de horticultura orgânica. Viçosa, MG: Aprenda fácil, 2014.

WANDERLEY, M. N. D. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. Texto preparado para a Aula Inaugural do primeiro semestre de 2004 a ser ministrada no CPDA/UFRRJ. p. 1-20.

